



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/12/2024 e 13/02/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/02/2025	10,49	301,40	45,98	5,82	4,87
10/02/2025	10,49	300,50	45,73	5,79	4,91
11/02/2025	10,43	296,60	46,13	5,77	4,84
12/02/2025	10,27	294,10	45,66	5,74	4,90
13/02/2025	10,30	292,70	46,25	5,77	4,93
Média	10,40	297,06	45,95	5,78	4,89

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	125,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
RS – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	102,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	SC	
MILHO(**)		
Porto de Santos	74,00	CIF
Porto de Paranaguá	78,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	66,00	
SC – Rio do Sul	70,00	
PR – M.C.Rondon	63,00	
PR – Londrina	SC	
MT – C.N.Parecis	63,00	
MS – Maracaju	67,00	
SP – Itapetininga	77,00	
SP – Campinas	81,00	CIF
GO – Rio Verde	66,00	
GO – Jataí	66,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	67,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	73,00	

Período: 12/02/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/02/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	67,63	124,91	67,60

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/02/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,29
Feijão (saco 60 Kg)	224,38
Sorgo (saco 60 Kg)	59,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,45
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,78

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Dezembro/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Neste período em que estivemos de recesso duas observações merecem destaque. Primeiro, as cotações da soja, em Chicago, se consolidaram em torno do patamar de US\$ 10,50/bushel para o primeiro mês cotado, mesmo com certo recuo nestes últimos dias. Trata-se de ganho de um dólar por bushel em relação a meados de dezembro passado. Isso se deve à revisão para baixo na última safra dos EUA, colhida em novembro, a qual está agora calculada em 118,8 milhões de toneladas, contra mais de 124 milhões inicialmente, conforme os relatórios de janeiro e fevereiro do USDA. Com isso, a projeção dos estoques finais estadunidenses, para 2024/25, recuaram para 10,3 milhões de toneladas. Outro ponto altista está na seca que assola o sul do Brasil e a Argentina, com quebra de safra já consolidada. Na Argentina, a última projeção do USDA aponta para uma colheita de 49 milhões de toneladas, contra 52 milhões inicialmente previstas, mas estas perdas podem ser maiores. No Brasil, ainda que a Conab considere uma colheita total de 166 milhões de toneladas (os mais otimistas continuam indicando colheita entre 170 e 172 milhões), a quebra de safra no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina, tende a diminuir este número final. As principais regiões produtoras do estado gaúcho já acusam quebra de safra entre 35% e 50%. Considerando que o estado esperava colher quase 22 milhões de toneladas, o volume final, na melhor das hipóteses, deverá ser, neste estado, entre 14 e 15 milhões de toneladas (por enquanto, a Conab está considerando uma quebra estadual de apenas 6%). Em segundo lugar, mesmo com esta situação específica climática, os preços da soja no Brasil, em média, recuaram na comparação com dezembro passado. De fato, após o empuxe dado pela desvalorização do Real, que ficou muitas semanas acima dos R\$ 6,00 por dólar, o retorno da cotação cambial para níveis entre R\$ 5,70 e R\$ 5,80 trouxe para baixo os preços nacionais. E só não baixou mais porque, diante do quadro de uma safra menor do que o esperado, os prêmios no Brasil melhoraram a partir de julho próximo.

O fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 10,30/bushel, contra US\$ 10,60 uma semana antes. A média de dezembro/24 foi de US\$ 9,83/bushel, enquanto a de janeiro/25 subiu para US\$ 10,29, com ganho de 4,7% sobre o mês anterior. Em janeiro de 2024 a média havia sido de US\$ 12,30/bushel.

Dito isso, na semana encerrada em 06/02 as exportações de soja, pelos EUA, somaram 1,04 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Desta forma, em todo o atual ano comercial 2024/25 os EUA já exportaram 35,2 milhões de toneladas da oleaginosa, o que representa 14% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

E na Argentina, o retorno das chuvas ainda na semana passada aliviaram a situação de déficit hídrico que existia sobre 60% das lavouras do país. Entretanto, como no sul do Brasil, as chuvas não são parelhas, ficando muitas lavouras sem recebê-las de forma adequada. Mas, pelo menos, as chuvas interromperam o estrago que vinha ocorrendo na soja, embora não recuperem as perdas já consolidadas.

E aqui no Brasil, na comparação com meados de dezembro passado, os preços médios estão menores. Com o retorno do câmbio ao patamar dos R\$ 5,70 a R\$ 5,80 por dólar, após chegar a mais de R\$ 6,00 entre fins de novembro e meados de janeiro, os preços da oleaginosa recuaram. Os valores médios, para o produto no balcão, giram

hoje entre R\$ 102,00 e R\$ 125,00/saco conforme as diferentes regiões produtoras no interior do país. Em meados de dezembro passado estes valores estavam entre R\$ 125,00 e R\$ 132,00/saco. Especificamente nesta semana de fevereiro, a média gaúcha fechou em R\$ 124,91/saco, enquanto nas demais regiões do país os valores giraram entre R\$ 102,00 e R\$ 118,00/saco.

Mesmo assim, a comercialização da safra 2024/25 no país segue lenta. O alto custo do frete, agora mais pressionado devido ao novo aumento do preço do diesel, vem atrapalhando as vendas. Além disso, sempre há a expectativa de preços melhores após a colheita. Lembrando que, se há seca no sul do país, nas demais regiões o excesso de chuvas tem atrasado a colheita da soja.

Em termos de frete, segundo o Imea, o transporte rodoviário de grãos de Sorriso, principal município produtor de soja, e o porto fluvial de Miritituba (PA) subiu cerca de 40% desde o início de janeiro, para R\$ 270,00/tonelada ao final do mês passado. Diante disso, as tradings registram "resultados apertados". A Bunge e a ADM, por exemplo, divulgaram lucros trimestrais abaixo da expectativa nesta semana, fato que leva as mesmas a buscar dividir este custo adicional com o produtor. Lembrando que o problema do frete pressiona para baixo os prêmios nos portos.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que as vendas antecipadas de soja estão em 39,4% da produção esperada, ficando abaixo da média histórica que é de 43,2% (cf. Safras & Mercado).

Em termos de colheita, a mesma atingia a 16,8% até o início da presente semana, contra a média de 21,4% para este período do ano (cf. Pátria AgroNegócios). Especificamente no Mato Grosso, a mesma atingia a 28,6% no início da semana, contra 51,5% no ano passado e 39,6% na média histórica do Estado para este momento (cf. Imea). A safra mato-grossense está estimada em 47,2 milhões de toneladas, com crescimento de 20,8% em relação a parcialmente frustrada safra passada.

Em tal contexto, os mais otimistas consideram que a grande safra esperada no centro-norte do país compense a quebra do Rio Grande do Sul e a produção final nacional chegue acima de 170 milhões de toneladas (174,9 milhões segundo Safras & Mercado).

O fato é que a produção final brasileira tende a ser recorde neste ano, mesmo com a quebra no sul do país. Com isso, a Abiove estima que o esmagamento da oleaginosa cresça para 57,5 milhões de toneladas em 2025, enquanto as exportações de farelo atinjam a 23,6 milhões e a de óleo de soja 1,1 milhão de toneladas. A Abiove espera uma colheita final de 171,7 milhões de toneladas.

Enfim, é preciso considerar a potencial guerra comercial que Donald Trump, nos EUA, vem indicando em relação à China. Se a mesma for além do que já foi anunciado, incluindo a soja, haverá mudanças significativas neste mercado nos próximos meses.

MERCADO DO MILHO

Em Chicago, as cotações do milho igualmente melhoraram durante este período em que estivemos em recesso. O bushel do cereal, que chegou a bater em US\$ 4,37 em meados de dezembro/24, para o primeiro mês cotado, avançou para US\$ 4,95 na primeira semana de fevereiro. Já o fechamento desta quinta-feira (13) registrou US\$ 4,93, contra US\$ 4,95 uma semana antes. A média de dezembro/24 ficou em US\$ 4,39/bushel, enquanto a de janeiro/25 subiu para US\$ 4,75, com ganho de 8,2% sobre o mês anterior. Para comparação, um ano antes, em janeiro/24, a média havia sido de US\$ 4,51/bushel.

Nestas últimas semanas, os preços do milho subiram em Chicago puxados pelos números de safra e estoques finais anunciados pelo USDA em seus relatórios. Além disso, a possibilidade de uma produção menor na Argentina também colaborou para o movimento. Na prática, nos EUA, a relação estoque/consumo está em seus menores níveis em mais de uma década (cf. Agrinvest).

O relatório do USDA, do dia 11/02, apontou uma redução de dois milhões de toneladas na produção mundial e de três milhões nos estoques globais do cereal, com as mesmas ficando, respectivamente, em 1,212 bilhão e 290,3 milhões de toneladas.

Já os embarques de milho pelos EUA, na semana encerrada em 06/02, atingiram a 1,3 milhão de toneladas, ficando próximos do nível máximo esperado pelo mercado. Assim, o volume total embarcado chega a 23,1 milhões de toneladas, sendo 34% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho subiram igualmente neste período. A média gaúcha pouco se alterou, com a mesma fechando a presente semana em R\$ 67,63/saco, contra R\$ 67,00 em meados de dezembro. Todavia, nas demais praças nacionais os preços passaram de um patamar entre R\$ 58,00 e R\$ 69,00/saco, em meados de dezembro/24, para valores entre R\$ 60,00 e R\$ 75,00/saco no fim da primeira quinzena de fevereiro/25. Assim, o mercado nacional do milho indica viés de alta neste período. A quebra parcial da safra de verão no sul do país e uma demanda sustentada explicariam este comportamento. Além disso, há quebra importante na vizinha Argentina. Hoje, a expectativa é de que a safra brasileira de verão, do cereal, feche entre 20 e 22 milhões de toneladas. No auge do plantio, no ano passado, se apontava a possibilidade de um volume entre 26 e 28 milhões. Assim, a safra total brasileira, segundo o USDA, está agora estimada em 126 milhões de toneladas, contra 122 milhões no ano anterior e 137 milhões de toneladas dois anos antes. Já a Conab espera uma safra total nacional bem menor, ao redor de 119 milhões de toneladas, podendo ainda ser menor dependendo do volume total a ser colhido no RS e SC, atingidos mais uma vez pela seca neste verão.

Por sua vez, o atraso na colheita da soja no Centro-Oeste, devido às chuvas, está levando a um plantio da safrinha mais lento. O mesmo teria chegado a 23,5% da área projetada nesta semana, contra 42,1% no mesmo período do ano passado e 36,1% na média histórica (cf. Safras & Mercado).

Esta realidade estaria afastando os vendedores dos negócios no mercado livre do milho nacional, pois os mesmos esperam novas altas de preços. Além disso, segundo o Cepea/Esalq, “a prioridade vem sendo a colheita e a entrega dos lotes de soja, o que tem deixado as vendas de milho em segundo plano e os fretes, encarecidos. Do lado

da demanda, consumidores se mostram interessados em adquirir novos lotes, mas encontram dificuldades, diante dos preços maiores pedidos pelos vendedores.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, igualmente melhoraram nestes últimos dois meses. O bushel do cereal chegou a bater em US\$ 5,87 na primeira semana de fevereiro, contra US\$ 5,26 em meados de dezembro/24. O fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 5,77, contra US\$ 5,87/bushel uma semana antes. A média de dezembro/24 atingiu a US\$ 5,41, enquanto a de janeiro/25 chegou a US\$ 5,45/bushel, com pequeno incremento de 0,7%. Em janeiro/24 a média havia sido de US\$ 6,00/bushel.

Os relatórios de janeiro e fevereiro do USDA poucas novidades trouxeram em termos de produção e estoques finais, nos EUA, porém, alteraram para baixo o quadro mundial. Com isso, o relatório do dia 11/02 indicou estoques finais mundiais de 257,6 milhões de toneladas, com recuo de 1,2 milhão sobre as projeções feitas no mês anterior.

Dito isso, as exportações estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 06/02, somaram 536.217 toneladas, superando o esperado pelo mercado. Com isso, as exportações totais no atual ano comercial atingem a 14,6 milhões de toneladas, sendo 24% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Rússia os estoques totais de trigo, em primeiro de janeiro, estavam em 28,7 milhões de toneladas, ficando 21% abaixo do nível do ano anterior. O declínio nos mesmos parece ser crescente já que a diferença anual era de 14% em outubro passado. Todas as principais regiões produtoras daquele país apresentam redução de estoques, fato que causa preocupações mundiais diante da possibilidade concreta de os preços internacionais continuarem subindo. Já os estoques nas propriedades rurais recuaram 29%, ficando em 15,4 milhões de toneladas. Os produtores russos estão vendendo trigo acima do normal, em um momento em que a produção local diminuiu devido ao clima. Efetivamente, a safra de trigo russa de 2024 está estimada em 82,4 milhões de toneladas, contra 92,8 milhões no ano anterior (cf. SovEcon).

Neste sentido, o USDA projeta uma redução de 10 milhões de toneladas nas exportações totais de trigo por parte da Rússia neste ano. Ou seja, um fator importante para novas altas nas cotações mundiais.

Em contra-ponto, o mercado espera que as importações globais de trigo diminuam neste ano. A desaceleração econômica junto aos principais compradores do cereal; um dólar mais forte; e uma maior produção de outros cereais estariam na origem desta situação (cf. Reuters).

Pelo sim ou pelo não, "o ambiente geopolítico volátil que estamos vivenciando atualmente, incluindo guerras reais e guerras comerciais, está levando os países importadores a aumentar a produção nacional para reduzir sua dependência das cadeias de suprimentos globais" (cf. Reuters).

E no Brasil, os preços do cereal subiram um pouco nestes últimos dois meses. A média gaúcha fechou a corrente semana em R\$ 67,60/saco, contra R\$ 65,27 em meados de dezembro/24. No Paraná, os preços giram ao redor de R\$ 73,00/saco, contra R\$ 72,00 dois meses antes.

Ou seja, os preços nacionais do trigo se mantêm firmes nestes níveis, mesmo que a revalorização do Real reduza o preço de importação, em reais. Segundo o Cepea/Esalq, “a sustentação vem da retração de vendedores, que vêm limitando a oferta no spot nacional, atentos ao ritmo mais intenso das exportações nestas primeiras semanas de 2025. Já compradores domésticos até tentam pressionar os valores, mas sem muito sucesso. Neste caso, estes agentes estão de olho nas importações, que também estão elevadas. No caso dos derivados, os preços do farelo de trigo, tanto o granel quanto o ensacado, e das farinhas, subiram na primeira semana de fevereiro, influenciados pela maior demanda.”

Enfim, segundo a Webinar "Mercado de Trigo – Desafios e oportunidades para nova safra", realizado pelo Sindicato da Indústria do Trigo do Estado de São Paulo (Sindustriço) na segunda-feira (10/02), “a nova safra de trigo trará desafios, pois há incertezas na produção, principalmente devido a fatores climáticos e desafios logísticos, que afetam o trigo em todo o mundo. No Brasil, a estimativa é que o país produza entre 7,8 e 8 milhões de toneladas de trigo. Com isso, as importações devem crescer, chegando a 6,5 milhões de toneladas.

Assim, segundo empresas multinacionais do setor, a tendência é de manutenção ou até alta nos preços, caso não ocorra um grande fator externo que mude a tendência (cf. StoneX).